

REDES OU PAREDES: A ESCOLA EM TEMPOS DE DISPERSÃO

ELAINE FERNANDEZ PEREZ
Universidade de Sorocaba - UNISO
focomfo@gmail.com

MARIA AMORIM SOARES
Universidade de Sorocaba – UNISO
focomfo@gmail.com

SIBÍLIA, Paula. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. 222 p.

A escola está em crise. Os dispositivos da hiperconexão, com seus aparelhos móveis de comunicação e informação, os telefones celulares e os computadores portáteis com acesso à internet, enfim, os feitiços tecnológicos encaixam-se perfeitamente aos corpos e subjetividades de crianças, adolescentes e jovens. Para Sibília, essa mudança radical contemporânea está afetando o funcionamento da escola, instituição idealizada na modernidade. Cresce o abismo, a incompatibilidade do modo de ser que flui entre as conexões. Os alunos sentem-se entediados, pois ocupam espaços internos às paredes escolares e insistem em disciplinar os corpos dóceis e civilizar o humano, torná-lo um bom cidadão. O conflito está instalado, transpondo os muros da escola, envolvendo as relações familiares, enfim, permeando as redes de relações que se multiplicam nos espaços e tempos virtuais. A engrenagem da maquinaria disciplinar deteriora-se, enfraquecendo o Estado, impregnando de ferrugem e traça sua imagem e, dessa maneira, as figuras de pai e professor também perdem peso e a da autoridade moderna transforma-se.

A autora aponta a questão que constitui o eixo de sua obra. Uma vez carcomidas suas bases pela reacomodação – e pela crescente fluidez – dos solos que sustentam o presente, como se pode pretender que a enferrujada estrutura escolar mantenha-se de pé e continue a funcionar?

A escola sustentou-se e insiste em continuar sustentando-se na ideia iluminista da “cultura letrada”, mas a sociedade contemporânea, informacional, espetacular e hiperconectada por redes interativas está seduzida e fascinada pela “cultura da imagem e dos meios de comunicação audiovisuais”. Dessa maneira, desmorona-se a utopia da comunicação e dissipa-se o sonho do projeto moderno. Para a autora, surge uma hipótese forte e desafiadora: a de que caberia, agora, inventar pequenos laços precários, mas talvez poderosos, meramente situacionistas ou válidos para cada situação.

Na atualidade, a *performance* é valorizada nos modos de ser e estar no mundo. Seja diante do olhar direto do outro ou das lentes de uma câmera. A busca pela interioridade dissolve-se, o império da palavra torna-se obsoleto, antiquado. É mais fácil aos alunos pôr o corpo em cena para falar ou atuar, uma vez que ler e escrever são tarefas tão solitárias quanto silenciosas. Longe da linhagem das “artes performáticas”, ler e escrever são atividades aparentadas com o artesanal, como esculpir ou trabalhar o barro, como costurar ou tecer. Para realizá-las, é preciso exercer certa pressão contra os ritmos da atualidade. Nessa divergência, aloja-se também o problema da timidez como uma “falha” cada vez mais intolerável, que chegou a ser catalogada como uma patologia passível de tratamento neuroquímico: dispositivos da medicalização permeando os espaços e tempos escolares.

O discurso midiático requer exterioridade e descentramento; a desatenção passa a ser uma atitude adequada ao exercício dessas práticas que veem na desconcentração um efeito lógico desse contato. Agora, dentro das quatro paredes do dispositivo escolar, a dispersão torna-se patologia, emergem novas doenças, como o déficit de atenção com hiperatividade, conhecido pelas siglas TDA ou TDAH. A dinâmica escolar não compreende e não reconhece as raízes desse conflito e, assim, distancia-se das possíveis soluções. Os alunos, por sua vez, esperam dos textos escritos a mesma conexão direta que vivenciam com a internet ou com a televisão; tentam desvendá-los utilizando as mesmas estratégias, o que não se concretiza, instaurando-se nessas relações mal-entendidos, diálogos incompreendidos.

Os professores costumam ter influência no diagnóstico e também no tratamento de alunos, especialmente os perturbadores da ordem, pois se queixam aos pais dos problemas vivenciados na sala de aula. As empresas farmacêuticas têm conhecimento desse movimento e desenvolvem estratégias para conquistar esse público. Sibília **não** fala diretamente da patologização da educação, mas o movimento de busca das famílias e das escolas por diagnósticos, medicamentos, que possam frear os efeitos perturbadores dos transtornos, demonstram a falta do olhar contextual, situacional; o aluno passa a carregar o peso desse descompasso entre o que a escola oferece e sua incapacidade de absorver o que é ensinado.

As substâncias utilizadas como recursos técnicos para o tratamento desses transtornos, tendo ou não o apoio dos docentes na identificação da patologia, buscam modular tais comportamentos que se manifestam dentro ou fora das escolas, de maneira que corpos e subjetividades atendam aos requisitos do mercado.

Os oprimidos da modernidade ansiavam pela emancipação, e a alfabetização surgiu como meio libertador do confinamento do jogo disciplinar. Os alunos deste século esperam que a escola ofereça diversão. Tudo flui velozmente, **não há muito tempo para produzir significados**, e o estudante talvez não sofra o peso de uma mensagem alienante em espaços repressivos, e, sim, o desvanecimento do que faz sentido, decorrente da dispersão gerada em contatos sem ancoragens.

O espectador, ou usuário midiático, soma-se ao fluxo, sem a necessidade de interpretar as mensagens recebidas; conecta-se ao estímulo e sintoniza-se na própria aceleração. Quando se cansa e sente-se saturado, entedia-se e desliga a tomada. Diante disso, a autora

salienta a importância de tecer redes, já que elas multiplicam as conexões e permitem habitar de modo conjunto a torrente informacional, produzindo uma densidade capaz de desacelerar essa avalanche e captar, de algum modo, o que se sucede tão rapidamente, transformando-o em experiência. Portanto, não se trata de verter todas as energias na tentativa de bloqueá-lo ou isolá-lo, mas de tentar algo muito mais complicado e interessante: conceber modos de subjetivar-se, pensar e dialogar nessas condições. Esse diálogo suscita a compreensão de que o saber e o conhecimento edificaram-se no dispositivo pedagógico da modernidade. No discurso midiático atual, a matéria-prima é a opinião que surge a partir da informação, instantânea e múltipla, que não responde a organizações hierárquicas preestabelecidas. Seu suporte privilegiado costuma ser midiático; além disso, não depende da transmissão unidirecional para circular, mas dissemina-se formando redes.

Vivemos hoje em uma sociedade imersa no consumo, e a escola vem recebendo investimentos pesados que buscam transformar o antigo aluno em cliente, e proclama o protagonismo daquele que aprende. A responsabilidade em aprender é do aluno, e o que se espera da relação entre professor/aluno **é a confiança e a responsabilidade**, não mais a autoridade nem a lei, que se destinam a um sujeito infantil que está longe de ser o típico aluno de antigamente.

O espírito empresarial impregna a biopolítica contemporânea. A **fé mercadológica espalha fiéis em todas as instituições, envolvendo todos os campos** Os corpos, a vida de cada um, a espécie humana, **e até o conjunto da biosfera são pensados segundo a lógica do capital**. O aluno/cliente tem que ser proativo, empreendedor. Para isso, a educação precisa ser estimulante, interessante, divertida e controladora.

O tripé formado por mercado, tecnociência e mídia conecta a escola às políticas neoliberais, regidas pela movimentação do mercado. Surgem discursos salvacionistas salientando a introdução e incorporação das novas tecnologias ao cotidiano da escola. Franquias escolares vendem projetos educativos em “pacotes”, atendendo, dessa maneira, às demandas de uma sociedade utilitarista que solicita resultados imediatos e garante sucesso e empregabilidade.

A autora finaliza sua obra sugerindo que a escola ou o que vier a surgir da fusão com as redes informáticas, atualmente inominável, possa resistir de forma ativa aos efeitos desagregadores da conexão. É um enorme desafio, que exige a invenção de um dispositivo que seja capaz de trazer de volta um significado para essas paredes corroídas, transformando a velha função disciplinadora e a condição emergente de espaço/galpão ou depósito. É uma mudança radical, que solicita a redefinição da escola como espaço de encontro e diálogo, de produção de pensamento e decantação de experiências.

Nada simples o desafio, a situação conflituosa da escola na contemporaneidade suscita dos envolvidos com a educação o movimento de adesão ao bom combate. A construção é de pontes, e não de paredes, entre professores e alunos. Encontros permeados por sopros que darão consistência às vidas presentes no cotidiano escolar – relações que serão reinventadas a partir do impensável.

Dados das Autoras:

ELAINE FERNANDEZ PEREZ

Aluna do Programa de Pós Graduação em Educação da
Universidade de Sorocaba - UNISO

MARIA AMORIM SOARES

Docente do Programa de Pós Graduação em Educação da
Universidade de Sorocaba – UNISO

Submetido em: 13/04/2014

Aprovado em: 15/05/2014